

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Biblioteconomia e Ciência da Informação

Joyce Gustavo de Jesus

Manual de Leitura Para Rodas Biblioterapêuticas

São Paulo
2025

Joyce Gustavo de Jesus

Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas

Monografia apresentada à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação, sob a orientação do professor Dr. José Mário de Oliveira Mendes.

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo-na-Publicação (CIP)

028

J58b

Jesus, Joyce Gustavo de.

Manual de leitura para rodas biblioterapêuticas /
Joyce Gustavo de Jesus. – 2025.

43 p. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Mário de Oliveira Mendes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em
Biblioteconomia) – Fundação Escola de Sociologia e Política
de São Paulo.

Bibliografia: p. 40-41

1. Literatura infantil. 2. Biblioterapia. 3. Crianças. 4. Rodas.
5. Biblioterapêuticas. I. Mendes, José Mário de Oliveira, orientador.
II. Título.

Joyce Gustavo de Jesus

Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas

Monografia apresentada à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação, sob a orientação do professor Dr. José Mário de Oliveira Mendes.

Data da aprovação: 12/12/2025.

Banca examinadora ou pareceristas:

Professor Especialista Winderson Jesus Gomes
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Professor Mestre Derick Casagrande Santiago
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Professor Doutor José Mário de Oliveira Mendes
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Dr. José Mário de Oliveira Mendes, que sempre se mostrou muito disponível e me forneceu um grande suporte e calma em nossas reuniões de orientação e também fora delas. Aos professores pareceristas Especialista Winderson Jesus Gomes e Mestre Derick Casagrande Santiago, meu muito obrigada por aceitar o convite para banca, agradeço também aos conselhos e supervisão normativa da professora Dr. Ângela Halen Claro Franco. Me sinto muito grata também por aquelas pessoas que passaram esse período comigo, e que de alguma forma ajudaram muito.

“O processo de leitura possibilita essa operação maravilhosa que é o encontro do que está dentro do livro com o que está guardado na nossa cabeça” (Ruth Rocha).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral construir um *Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas*, fundamentado em pesquisa teórica e na observação de três sessões realizadas com turmas do primeiro ano do ensino fundamental em um colégio particular de São Paulo. A investigação parte da compreensão de que a leitura, além de suas dimensões cognitiva e lúdica, também desempenha papel terapêutico, possibilitando a expressão emocional, a identificação simbólica e o desenvolvimento socioafetivo das crianças. A pesquisa caracteriza-se como exploratória, qualitativa e orientada pelos princípios da pesquisa-ação, envolvendo observação participante, análise documental e levantamento bibliográfico. O referencial teórico aborda a biblioterapia em seus aspectos históricos, conceituais e metodológicos, incluindo suas tipologias, institucional, clínica e desenvolvimental, e as etapas do processo biblioterapêutico. Discute também a importância da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do leitor infantil e a relevância da mediação sensível durante as práticas de leitura. As rodas de leitura observadas utilizaram o livro *O Monstro das Cores: doutor das emoções e a maleta de regulação emocional*, acompanhado de uma “maleta das emoções” com objetos sensoriais relacionados à narrativa. As sessões revelaram diferenças significativas entre as turmas quanto à atenção, envolvimento, reação aos objetos e interação durante as discussões, demonstrando o caráter singular e dinâmico das práticas biblioterapêuticas. As observações resultaram na elaboração de um manual prático contendo orientações sobre preparação do ambiente, seleção de materiais, condução da leitura, estímulo ao diálogo e integração de atividades lúdicas. Conclui-se que a biblioterapia, aplicada por meio de rodas de leitura, configura-se como prática potente para o acolhimento emocional e o fortalecimento do vínculo das crianças com a leitura, podendo ser realizada com poucos recursos e grande potencial formativo. O manual proposto busca desmistificar a estrutura dessas rodas e servir como instrumento de apoio para bibliotecários, educadores e mediadores interessados em desenvolver ações de leitura sensíveis, acessíveis e alinhadas ao bem-estar infantil.

Palavras-chave: biblioterapia; literatura infantil; manual para rodas biblioterapêuticas; rodas de leitura.

ABSTRACT

This research aims at developing a *Reading Manual for Bibliotherapeutic Circles*, grounded in theoretical investigation and in the observation of three sessions carried out with first-grade classes in a private school in São Paulo. The study is based on the understanding that reading, in addition to its cognitive and recreational dimensions, also plays a therapeutic role by enabling emotional expression, symbolic identification, and the socio-emotional development of children. The research is characterized as exploratory and qualitative, guided by the principles of action research, and involves participant observation, document analysis, and bibliographic review. The theoretical framework addresses bibliotherapy in its historical, conceptual, and methodological dimensions, including its institutional, clinical, and developmental typologies, as well as the stages of the bibliotherapeutic process. It also discusses the importance of children's literature for cognitive, emotional, and social development, considering the psychological stages of the child reader and the relevance of sensitive mediation in reading practices. The reading circles observed used the book *The Color Monster: Doctor of Emotions and the Emotional Regulation Kit*, accompanied by an "emotion kit" composed of sensory objects related to the narrative. The sessions revealed significant differences among the groups regarding attention, engagement, reactions to the objects, and interaction during discussions, highlighting the unique and dynamic nature of bibliotherapeutic practices. These observations resulted in the creation of a practical manual containing guidelines on preparing the environment, selecting materials, conducting the reading, encouraging dialogue, and integrating playful activities. The study concludes that bibliotherapy, when applied through reading circles, constitutes a powerful practice for emotional support and for strengthening children's relationship with reading, requiring few resources while offering substantial formative potential. The proposed manual seeks to demystify the structure of these circles and serve as a support tool for librarians, educators, and mediators interested in developing sensitive, accessible, and child-centered reading practices.

Keywords: bibliotherapy; children's literature; manual for bibliotherapeutic circles; reading circles.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo geral	11
2.2 Objetivos específicos	11
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
4 A BIBLIOTERAPIA	17
4.1 Tipos de Biblioterapia	20
4.2 Etapas da Biblioterapia	21
5 LEITURA NA INFÂNCIA	23
5.1 Leitura guiada pelos estágios psicológicos da criança	25
6 MANUAL DE LEITURA PARA RODAS BIBLIOTERAPÊUTICAS	28
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE	42

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo construir um Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas partindo da observação de rodas biblioterapêuticas aplicadas em três turmas da primeira série do ensino fundamental de um colégio particular da cidade de São Paulo. O estudo parte da compreensão de que a leitura, para além da função de aprendizagem e lazer, também pode ter funções terapêuticas, uma vez que um mesmo texto lido por pessoas diferentes e em momentos diferentes pode provocar uma leva de emoções de acordo com seu estado emocional no momento da leitura. Nesse sentido, o bibliotecário ou mediador da leitura assume papel central como agente de escuta, acolhimento e facilitação do processo de significação.

Este estudo está, ainda, alinhado e apoiado na ementa do grupo de trabalho de número 11 da ANCIB, Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, intitulado Informação & Saúde, que tem por objetivo:

Estudos das teorias, métodos, estruturas e processos informacionais, em diferentes contextos da saúde, considerada em sua abrangência e complexidade. Impacto da informação, tecnologias, e inovação em saúde. Informação nas organizações de saúde. Informação, saúde e sociedade. Políticas de informação em saúde. Formação e capacitação em informação em saúde (ANCIB, 2022).

De acordo com Seixas (2014), quando o texto traduz o sentimento do leitor, o ato de escuta se torna acolhedor; um bálsamo para as aflições. Dessa forma, evidencia-se que o ato de ler ou escutar um texto vai além da mera compreensão narrativa. Assim, a leitura não se limita à compreensão literal ou narrativa: ela possibilita o enfrentamento de medos, a resignificação de experiências e a promoção do bem-estar emocional. Cada participante das rodas de leitura biblioterapêuticas atribui diferentes níveis de significação às obras trabalhadas, influenciado por diversos fatores, como vivências pessoais, relações familiares, experiências de vida e afinidade com o tema abordado.

A leitura, além de contribuir para o desenvolvimento intelectual, social e afetivo das pessoas, pode atuar como um recurso de cuidado e apoio emocional. Ao se verem representados em personagens, situações e conflitos narrativos, os leitores frequentemente encontram conforto, insights e possibilidades de interpretar suas próprias vivências. Nesse cenário, consolida-se a ideia de Biblioterapia,

entendida como uma prática que utiliza o potencial simbólico da literatura para fins terapêuticos.

Derivada dos termos gregos βιβλίον (livro) e θεραπεία (cura) conforme explica Ouaknin (1996), a Biblioterapia propõe uma forma de promover equilíbrio emocional e favorecer processos de autoconhecimento por meio do contato mediado com obras literárias.

Caldin (2001b) define a biblioterapia como uma atividade que une leitura dirigida com posterior discussão em grupo, de forma a favorecer a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos, angústias e receios. A troca de vozes, de experiência e de afetividade não é um detalhe na biblioterapia; ela é o cerne de toda a atividade biblioterapêutica. A biblioterapia vale-se, essencialmente, da palavra, e nesse sentido, a criação de um ambiente lúdico mostra-se fundamental para que as crianças possam estabelecer, ou não, vínculos de afinidade com os personagens da história.

Segundo a UNESCO (2024), embora não exista uma idade limite para o desenvolvimento do hábito de leitura, a primeira infância (de 0 a 8 anos) é um período crucial para a formação da imaginação, do gosto pela leitura e do desenvolvimento da linguagem. Tais competências são determinantes para a formação de futuros leitores e cidadãos críticos.

No capítulo 2 são apresentados os objetivos gerais e específicos da pesquisa, e, em seguida, no capítulo 3, descrevemos a metodologia adotada, caracterizando nossa pesquisa como exploratória, qualitativa e baseada na observação participante, orientada pelos princípios da pesquisa-ação. Foram realizadas três rodas biblioterapêuticas com crianças do 1º ano do ensino fundamental, utilizando o livro *O monstro das cores: doutor das emoções e a maleta de regulação emocional*. A coleta de dados envolveu observações das interações emocionais, complementadas por pesquisa bibliográfica e documental. O capítulo 4 apresenta o referencial teórico sobre a biblioterapia, discutindo sua definição, origem, trajetória histórica e expansão para diferentes contextos educacionais e sociais. Aborda, também, as tipologias da biblioterapia, institucional, clínica, desenvolvimental e de fruição, e descreve as etapas do processo biblioterapêutico, como catarse, identificação, projeção e introspecção. O capítulo evidencia a literatura como recurso de cuidado emocional e desenvolvimento humano, destacando o papel do mediador como facilitador das experiências simbólicas. O

capítulo 5 discute a relevância da leitura e da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Apresenta um panorama histórico da literatura infantil no mundo e no Brasil, desde Perrault até Monteiro Lobato, além de abordar a relação entre leitura, imaginação e formação crítica. O capítulo também traz os estágios psicológicos do leitor infantil, conforme Coelho (1991), destacando as características do “leitor iniciante” e a faixa etária contemplada na pesquisa, reforçando a importância de mediações sensíveis e materiais adequados à idade.

Já o capítulo 6 apresenta o produto final da pesquisa: um manual prático para a condução de rodas biblioterapêuticas. O manual orienta sobre a criação de um ambiente acolhedor, seleção de objetos sensoriais relacionados à narrativa e estratégias de interação com as crianças. Descreve o passo a passo da aplicação das rodas, desde a preparação da ambientação até o diálogo pós-leitura, além de relatar observações sobre as turmas participantes. O capítulo demonstra que a prática pode ser realizada com poucos recursos, priorizando criatividade, escuta e sensibilidade.

Por fim, as considerações finais destacam que, embora o estudo inicialmente pretendesse investigar a influência da biblioterapia no desenvolvimento do hábito de leitura das crianças, limitações éticas levaram à reformulação do foco, culminando na criação de um manual prático para rodas biblioterapêuticas. O trabalho evidencia que essas rodas se configuram de maneiras distintas conforme o grupo, a história e os materiais utilizados, reforçando seu caráter dinâmico e singular. O manual proposto busca desmistificar o funcionamento das rodas, mostrando que elas podem ser realizadas sem grandes recursos financeiros e com significativa potência formativa e emocional. Espera-se que o material produzido inspire novas práticas e investigações, ampliando as possibilidades de uso da biblioterapia na educação.

2 OBJETIVOS

A seguir apresentamos o objetivo geral e os objetivos específicos do nosso estudo.

2.1 Objetivo geral

Construir um Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas, a partir da observação de rodas de leitura com crianças do primeiro ano do ensino fundamental de um colégio particular da cidade de São Paulo.

2.2 Objetivos específicos

- a) Apresentar um histórico e definição de Biblioterapia;
- b) Conceituar leitura na infância;
- c) Relatar três sessões de biblioterapia com o livro “*O monstro das cores: doutor das emoções e a maleta de regulação emocional*” realizada com três turmas diferentes;
- d) Construir um Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória, fundamentada na observação de participantes, com enfoque em pesquisa-ação. Segundo Gil (2023), a pesquisa pode ser definida como o processo sistemático que tem como objetivo propor respostas aos problemas que são propostos.

A pesquisa caracteriza-se como exploratória e de abordagem qualitativa, fundamentada na observação participante e orientada pelos princípios da pesquisa-ação. De acordo com Gil (2023), a pesquisa-ação visa não apenas à produção de conhecimento sobre determinado fenômeno, mas também à transformação da realidade investigada por meio da participação ativa dos sujeitos envolvidos.

Na fase exploratória, buscou-se delimitar o campo empírico, estabelecer relações de confiança com os participantes e alinhar expectativas entre pesquisadora e escola parceira. Tal etapa é fundamental para garantir um ambiente colaborativo e ético, em consonância com os princípios da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas com seres humanos no âmbito das Ciências Humanas e Sociais.

A fase exploratória da pesquisa-ação objetiva determinar o campo de investigação, as expectativas dos interessados, bem como o tipo de auxílio que estes poderão oferecer ao longo do processo de pesquisa. (Gil, 2023, p.142)

A opção pela pesquisa-ação deve-se ao fato de que a aplicação prática da biblioterapia em rodas de leitura exige envolvimento direto entre pesquisadora e participantes, permitindo observar as reações emocionais e comportamentais das crianças diante das narrativas. Essa escolha metodológica visa, portanto, compreender de que forma as práticas biblioterapêuticas podem favorecer o desenvolvimento do hábito de leitura e contribuir para o fortalecimento emocional e social das crianças. Importante ressaltar que a pesquisadora foi conduzida de acordo os princípios éticos estabelecidos pela Ética em Pesquisa, estabelecendo respeito, privacidade e bem estar dos participantes. Não foram aplicados questionários ou procedimentos invasivos que pudessem expor as crianças. A atuação da pesquisadora se restringiu apenas a mediadora e observadora,

conduzindo as rodas de leitura conforme descritas no Manual de Leitura de Rodas Biblioterapêuticas, apresentado no capítulo 6 desta pesquisa.

A escolha do tema de estudo surgiu da vontade de ressaltar a importância da leitura, principalmente nos primeiros anos de vida, na tentativa de dar mais visibilidade ao assunto. Coelho (1991) afirma que demorou um tempo significativo para que a sociedade passasse a enxergar as crianças como seres diferentes e não “mini adultos”, o que resultou em uma reformulação nos textos que eram produzidos para esse público.

Se faz, assim, necessária uma investigação focando na importância da leitura na rotina de crianças que estejam em processo de alfabetização, com a aplicação de rodas de biblioterapia.

Além de pesquisa-ação, essa pesquisa também é composta por embasamento bibliográfico e documental, que segundo Gil (2023) “uma pesquisa bibliográfica é composta por materiais já publicados e que envolve um vasto tipo de material como livros, jornais, revistas, teses e etc.”. A pesquisa documental complementa a bibliográfica, pois se baseia em fontes específicas e contextualizadas, oferecendo subsídios empíricos para a compreensão do fenômeno estudado, se vale de documentos mais específicos escritos para um público específico, diferente da bibliográfica, principalmente, quanto à natureza das fontes. A união da pesquisa-ação, do embasamento bibliográfico e da pesquisa documental formam base sólida para a fundamentação e desenvolvimento do tema aqui tratado.

Definidas as características da pesquisa, partimos para a investigação propriamente dita.

O primeiro passo foi a realização de três rodas biblioterapêuticas com turmas da primeira série do ensino fundamental de um colégio particular da cidade de São Paulo, inspiradas no modelo proposto por Caldin (2013), que defende a importância da ludicidade e da participação ativa em práticas de leitura com crianças. O livro “*O Monstro das Cores: Doutor das Emoções e a maleta de regulação emocional*” foi selecionado por sua adequação temática e potencial de exploração de emoções, além de permitir a integração de atividades sensoriais e expressivas, tendo sido escolhido, ainda, por se mostrar um livro altamente indicado por professores e por ter uma história e dinâmica que possibilitaram diversas atividades a serem desenvolvidas.

O Monstro das Cores: doutor das emoções e a maleta de regulação emocional é uma obra que apresenta ao leitor temática significativa, conectando assuntos tais como equilíbrio emocional, extravasamento psíquico e autoconhecimento. A consagrada autora Anna Llenas se vale da empatia do personagem Monstro das Cores com as crianças para tratar com leveza do tema saúde mental e tocar o coração dos leitores de todas as idades. A história, construída com ludicidade, sensibilidade e clareza, é atraente aos pequenos leitores a partir de 3 anos e cativa a atenção sobretudo de crianças de 5 a 7 anos.

Paiva (2025, pg. 07) diz que “a obra *O Monstro das Cores: doutor das emoções e a maleta de regulação emocional*, especificamente, contribui para um aprendizado lúdico e sensível das emoções, incentiva diálogos e a troca de ideias, a procura por apoio (psicológico ou terapêutico) em caso de necessidade, e pode, inclusive, ajudar a melhorar, no cotidiano das crianças, a convivência social”. Paiva (2025, pg.09) ainda conta que

O Monstro das Cores é agora apresentado aos leitores como um Doutor afetivo, gentil e solícito que ajuda a cuidar e curar emoções quando essas estão transbordantes ou congestionadas, do tipo quase entaladas na garganta... de tão grandes ou intensas. O Doutor é procurado quando Nuna sente um abalo, desconforto, perturbação emocional. O Doutor das emoções é caracterizado na história como um personagem sensível que sabe ouvir e ajudar a pequena Nuna a digerir, de forma lúdica e perceptiva, sensações ou impressões. Ele se faz presente em situações que provocam turbulência interior na menina. Atento à fala da paciente, o Monstro das Cores mostra-se, a todo tempo, cativante e bem-humorado. Ele sabe fazer uso de sua experiência e, sempre em valorização ao diálogo com a criança, reconhece sentimentos e necessidades, observa a intensidade das emoções, exercita com a paciente ações terapêuticas, relaciona sintomas a pensamentos e, também, consegue valer-se de sua especial maleta de regulação emocional para ensinar à criança (Nuna) noções significativas de coragem, regulação do humor, autocontrole, autoconhecimento, relaxamento (físico e mental) e bem-estar. Eis, portanto, um livro que trata com sensibilidade da importância da escuta e do acolhimento para a saúde mental infantil, valorizando a afetividade, diálogos altruístas e a compreensão das emoções

Paiva (2025) ainda complementa que a literatura infantil exerce um papel fundamental no fortalecimento das competências socioemocionais das crianças. Por meio das histórias, elas passam a reconhecer e nomear sentimentos, além de aprender maneiras de enfrentá-los. Esse processo ocorre tanto quando a criança se identifica com personagens e enredos quanto quando consegue imaginar-se na

posição do outro, exercitando a empatia. A leitura amplia seu repertório emocional, permitindo o contato com emoções como alegria, raiva, tristeza, ciúmes ou frustração, e favorecendo a criação de estratégias para agir com autonomia, responsabilidade, flexibilidade e resiliência. Com temáticas variadas, os livros infantis possibilitam trabalhar situações do cotidiano — e outras menos frequentes — de forma leve e acessível. Assim, tornam-se um instrumento que ajuda a criança a compreender o mundo ao seu redor, a conhecer melhor a si mesma e a valorizar a diversidade de pessoas e culturas.

Para utilização nas sessões, a pesquisadora elaborou uma “maleta das emoções” com objetos mencionados no livro — como folhas secas, conchas, tecidos macios e um urso de pelúcia — com o intuito de criar um ambiente sensorial e simbólico que estimulasse a curiosidade e o envolvimento das crianças. As observações e registros dessas experiências fundamentaram a elaboração do Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas, produto final deste estudo, apresentado no capítulo 6.

Assim, a construção da caixa “maleta” do Doutor Monstro se mostra um passo muito importante para a realização da roda biblioterapêutica em si. Juntamente com a leitura, este processo culmina na elaboração do Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas, objetivo geral de nossa pesquisa, que será apresentado detalhadamente no capítulo 6.

A seguir, trazemos um quadro indicando os principais autores utilizados em nossa investigação.

Quadro 1 – Principais autores utilizados

INTRODUÇÃO
CALDIN, Clarice Fortkap
PAIVA, Ana Paula Mathias de
SEIXAS, Cristiana
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
CALDIN, Clarice Fortkap
COELHO, Nelly Novaes
GIL, Antonio Carlos

BIBLIOTERAPIA

ABREU, Ana Cristina; ZULUETA, Maria Ángeles; HENRIQUES, Anabela

CALDIN, Clarice Fortkap

CASTRO, Raquel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes

OLIVEIRA, Fernanda Gomes de

OUAKNIN, Marc- Alain

RATTON, Ângela Maria Lima

LITERATURA INFANTIL

CASTRO, Raquel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes

COELHO, Nelly Novaes

CUNHA, Maria Antonieta Antunes.

DIAS, Ana Maria Iorio, OLIVEIRA, Maria José Sampaio de

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A seguir, passamos para a discussão teórica sobre Biblioterapia, no capítulo 4, seguida das discussões sobre Leitura na Infância, no capítulo 5, e apresentamos o Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas no capítulo 6, encerrando nossa pesquisa com as Considerações Finais no capítulo 7.

4 A BIBLIOTERAPIA

A Biblioterapia pode ser definida como uma prática que utiliza a leitura de textos literários ou informativos como recurso terapêutico, educativo ou de desenvolvimento pessoal. Seu objetivo é promover o autoconhecimento, o bem-estar emocional, a reflexão crítica e, em alguns contextos, auxiliar em processos de cura.

Entendendo melhor sua etimologia, Ouaknin (1996) afirma que o termo é composto por duas expressões de origem grega, *Biblion* e *Therapein* que, unificadas, dão o significado de “terapia por meio dos livros”, termo este que tem total conexão com as práticas aplicadas nas rodas biblioterapêuticas quando, aliado aos livros, discussões pós leitura e atividades lúdicas, se monta um cenário propício aos benefícios da biblioterapia. A palavra "biblioterapia" surgiu no início do século XX, e sua prática foi inicialmente associada a contextos clínicos (hospitais e instituições psiquiátricas). Evoluiu para contextos educativos e sociais, sendo aplicada em bibliotecas, escolas, centros comunitários e instituições de acolhimento.

Segundo Ratton (1975), o Terceiro Novo Dicionário Internacional de Webster definiu como biblioterapia como a utilização de material selecionado de leitura para atuar como coadjuvante da medicina e da psicologia, e, também, com leitura dirigida a fim de solucionar pequenos problemas pessoais.

Já Caldin (2010) afirma que, a biblioterapia se configura como um cuidado com o ser total, mediante a leitura, narração ou dramatização de histórias; destaca, ainda, a importância do diálogo posterior à apresentação da história.

São as leituras dramatizadas que permitem ao público ouvinte/participante se sentir mais confortável para uma maior interação. Aqui cabe ao profissional mediador acolher os sentimentos e pautas que podem ser trazidas pelos ouvintes/participantes das rodas biblioterapêuticas.

No diálogo biblioterapêutico, cada comentário sobre o texto acrescenta, inflete, opõe, introduz um jogo no sentido e um movimento na identidade. (Seixas, 2014, p.96-97)

Assim, é possível evidenciar a importância das conversas durante e nos pós leitura para fixação do texto, melhor compreensão dos assuntos discutidos e a compreensão dos sentimentos do ouvinte/participante durante os períodos de interação, proporcionando um ambiente confortável e acolhedor.

Por meio da leitura e de atividades lúdicas, é possível construir um processo interativo de valores, ações e sentimentos, voltados à harmonia e equilíbrio do conhecimento e desenvolvimento pessoal (Castro; Pinheiro, 2005).

Ainda dentro desse ambiente confortável e acolhedor, as atividades lúdicas voltadas para qualquer faixa etária de ouvintes/participantes das rodas biblioterapêuticas são uma importante ferramenta para o desenvolvimento da prática da biblioterapia.

A Biblioterapia passou a ter mais visibilidade por volta da década de 1930. Sua base teve início com a defesa da tese da Ph.D. Caroline Shrodes, intitulada “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico experimental” já no ano de 1949.

Mais tarde, no final da década de 1950 a biblioterapia passou a ter uso preventivo em tratamentos, com um artigo de Richard Darling. Já em 1951, Esther A. Hartman, defendeu a tese “A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de Biblioterapia”. Em território nacional a Biblioterapia passou a ser aplicada em hospitais no estado de São Paulo. E algumas das Universidade que ofereciam o curso de Biblioteconomia, também passaram a vincular a Biblioterapia as suas disciplinas como citado por Oliveira (2014, p.33):

[...] o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará foi o pioneiro da biblioterapia, através de um projeto de pesquisa praticado no bloco de oncologia do Hospital Infantil Albert Sabin, para crianças com câncer, onde se manteve até dezembro de 2000. Atualmente tem-se como referência na Universidade Federal de Santa Catarina desde 1995, na graduação de Biblioteconomia a disciplina “Biblioterapia, Leitura & Informação” [...] (Oliveira, 2014, p.33)

O Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido adotou em julho de 2013, o programa *Books on Prescription*, de prescrição de livros como fármacos para tratar depressão. A adesão foi influenciada por uma pesquisa realizada em 2003, pelo psiquiatra Neil Frude, em que o cientista constatou o potencial dos livros, cuja vantagem do uso envolve poucos gastos e sem efeitos colaterais. A grande dúvida que foi levantada foi a respeito de por quem e como seria feita a seleção desses livros.

A biblioterapia teve seu início na área clínica por volta de 1980 e 1990, testado em pacientes de diversas idades. Segundo (Caldin, 2013), o seu caráter preventivo foi descoberto logo depois, sendo aplicado em crianças, adolescentes, em escolas, bibliotecas de centros comunitários, em trabalhos multidisciplinares. A

autora ainda ressalta que a aplicação em escolas deve contar com o apoio indispensável dos professores e do bibliotecário, que também pode ser o agente mediador das rodas de leitura.

O Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido (NHS) adotou, em julho de 2013, o programa Books on Prescription, que consiste na prescrição de livros como recurso terapêutico complementar para o tratamento da depressão. A criação dessa iniciativa foi influenciada por uma pesquisa conduzida em 2003 pelo psiquiatra Neil Frude, na qual o autor constatou o potencial dos livros como instrumentos de promoção do bem-estar psicológico e emocional.

As vantagens desse modelo de intervenção envolvem custos reduzidos e ausência de efeitos colaterais, características que o tornam uma alternativa acessível e sustentável dentro das políticas públicas de saúde mental. Entretanto, surgiram questionamentos acerca dos critérios de seleção das obras e da responsabilidade por essa curadoria, pontos que evidenciam a necessidade de mediação qualificada e interdisciplinar no uso terapêutico da leitura.

De modo semelhante, a biblioterapia, enquanto prática aplicada em diferentes contextos, teve seu início na área clínica entre as décadas de 1980 e 1990, sendo testada em pacientes de várias faixas etárias. Segundo Caldin (2013), o caráter preventivo dessa prática foi reconhecido posteriormente, quando passou a ser utilizada com crianças, adolescentes e jovens em escolas, bibliotecas e centros comunitários, sempre em ações de caráter multidisciplinar. A autora enfatiza, ainda, que sua implementação no ambiente escolar requer o apoio dos professores e do bibliotecário, que pode atuar como mediador das rodas de leitura e facilitador dos processos de escuta e expressão emocional.

Essa expansão da biblioterapia para contextos educativos e comunitários converge com iniciativas internacionais voltadas ao desenvolvimento humano e social. A Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB) e a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), alinhadas à Agenda 2030 da ONU, reconhecem o papel estratégico das bibliotecas no alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A biblioterapia, como prática terapêutica e educacional, relaciona-se diretamente aos ODS 3 (Saúde e Bem-Estar) e ODS 4 (Educação de Qualidade). O primeiro destaca sua contribuição à promoção da saúde mental e emocional, ao

utilizar a leitura como instrumento para reduzir o estresse e auxiliar em tratamentos psicológicos; já o segundo enfatiza o potencial da biblioterapia como ferramenta de apoio à educação, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos indivíduos (FEBAB, 2018).

4.1 Tipos de Biblioterapia

De acordo com Seixas (2014), a biblioterapia pode ser classificada em dois tipos principais: biblioterapia de fruição e biblioterapia clínica. A primeira é aquela que “toca na ferida, dialoga com ela, ressignifica-a e busca incorporá-la e cicatrizá-la”, ou seja, está diretamente relacionada ao enfrentamento das dores e conflitos emocionais do participante. Já a biblioterapia clínica, segundo a autora, tem como propósito “desviar da dor, mudar de assunto, ir para um outro lugar, exercer a liberdade interior, impregnar-se de beleza, exercer a capacidade de ser maior do que os dramas e condições que nos cercam”. Essa modalidade, portanto, prioriza o alívio e o distanciamento simbólico das aflições, permitindo que o leitor encontre, na literatura, um espaço de leveza e sublimação.

Rubin (1978, apud Abreu, Zulueta e Henriques, 2013) propõe uma classificação mais ampla, que contempla três modalidades de biblioterapia: institucional, clínica e desenvolvimental.

1. Biblioterapia institucional: utiliza a literatura de caráter didático ou informativo como instrumento recreativo e educativo, aplicado de forma individual ou em grupo. Seu objetivo é favorecer o desenvolvimento pessoal, auxiliar na tomada de decisões e estimular a reflexão. Costuma ser desenvolvida por equipes interdisciplinares compostas por médicos, bibliotecários, educadores e assistentes sociais.
2. Biblioterapia clínica: conduzida por profissionais da saúde e das ciências humanas, como psiquiatras, psicólogos, terapeutas ocupacionais e bibliotecários, geralmente em ambientes hospitalares ou institucionais. Seu foco recai sobre a compreensão dos sentimentos do leitor e sobre as possíveis transformações em seu comportamento, sendo comumente realizada em grupo, com leitura em voz alta e diálogo posterior.
3. Biblioterapia do desenvolvimento: tem como finalidade promover o crescimento emocional, social e intelectual dos indivíduos, estimulando a

reflexão e o autoconhecimento por meio da perspectiva do outro. Essa vertente pode ser aplicada em diferentes faixas etárias: crianças, jovens, adultos e idosos e visa fortalecer a autonomia e a empatia dos participantes.

No presente estudo, adota-se a biblioterapia do desenvolvimento como abordagem principal, uma vez que as rodas de leitura realizadas com crianças buscam estimular dimensões essenciais dessa modalidade: o aprimoramento das potencialidades emocionais, sociais e cognitivas, a ampliação da sensibilidade e o fortalecimento do vínculo entre leitura e autoconhecimento. As etapas desse processo serão apresentadas e detalhadas na seção subsequente.

4.2 Etapas da Biblioterapia

Caldin (2001a) identifica seis elementos fundamentais que compõem o processo biblioterapêutico: catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e introspecção. Essas etapas se articulam de forma dinâmica durante a leitura e nas interações que se seguem a ela, configurando um percurso de expressão, reflexão e transformação pessoal.

O primeiro elemento, a catarse, é tradicionalmente associado à purificação emocional provocada pelas narrativas. Inicialmente vinculada à tragédia, conforme Aristóteles, a catarse passou a ser reconhecida também em outros gêneros literários. Em contextos biblioterapêuticos, ela consiste no alívio ou liberação de tensões internas despertadas por situações simbólicas vividas pelos personagens. Por esse motivo, Caldin (2001a) recomenda o uso de contos de fadas e histórias que contenham elementos de medo, desafio e superação como lobos, bruxas e monstros, pois permitem que a criança enfrente suas angústias de modo lúdico e seguro.

O segundo elemento é o humor, que, conforme Caldin (2001a, p. 38), “configura-se como um triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer”. A presença do humor nas narrativas facilita o distanciamento das tensões emocionais, oferecendo leveza e prazer à experiência de leitura. Assim, histórias que exploram situações cômicas, personagens divertidos e desfechos otimistas contribuem para o bem-estar geral e para a criação de vínculos positivos com a prática leitora.

A identificação constitui o terceiro elemento do processo. Laplanche e Pontalis (apud Caldin, 2001a, p. 39) definem-na como o “processo psicológico pelo

qual o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade ou um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”. No contexto da biblioterapia, a identificação ocorre quando o leitor reconhece em um personagem aspectos semelhantes aos seus seja um sentimento, um hábito ou uma situação de vida, o que favorece a empatia e o engajamento emocional com a narrativa.

Em seguida, ocorre a introjeção, quarto elemento do processo, definida por Laplanche e Pontalis (apud Caldin, 2001a, p. 39) como a operação pela qual “o sujeito faz passar, de modo simbólico, de ‘fora’ para dentro, objetos e qualidades inerentes a esses objetos”. Em termos biblioterapêuticos, significa que o leitor internaliza as experiências e virtudes dos personagens, projetando-se em suas ações e trajetórias. No caso das crianças, esse processo é particularmente importante, pois estimula o desenvolvimento moral e emocional ao permitir que elas vivenciem simbolicamente desafios e conquistas.

O quinto elemento é a projeção, que, segundo os mesmos autores, corresponde à “operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro pessoa ou coisa qualidades, sentimentos ou desejos que desconhece ou recusa em si próprio”. A leitura, portanto, oferece um espaço seguro para que o leitor transfira emoções reprimidas, como medo, raiva ou culpa, para os personagens, o que possibilita um processo de reconhecimento e elaboração simbólica dessas experiências.

Por fim, a introspecção representa o momento de síntese e transformação pessoal. De acordo com Caldin (2010), essa etapa é verdadeiramente terapêutica quando o leitor ou ouvinte reconhece semelhanças entre suas atitudes e as dos personagens, refletindo sobre comportamentos que possam dificultar a convivência social. Ao perceber tais paralelos, o sujeito adquire consciência de si e promove mudanças internas significativas. Em alguns casos, a introspecção também se manifesta como alívio, ao constatar que suas fragilidades não são únicas, mas compartilhadas por outros.

Dessa forma, o conjunto dessas seis etapas revela que a biblioterapia é um processo gradual e integrador, que articula emoção, imaginação e pensamento crítico. Ao permitir que o leitor se veja e se reinvente por meio da narrativa, a prática contribui para o fortalecimento de sua subjetividade e para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, confirmando seu potencial educativo e terapêutico.

A seguir, passamos a discutir a leitura na infância.

5 LEITURA NA INFÂNCIA

O desenvolvimento da literatura infantil está profundamente ligado à maneira como a sociedade passou a compreender a infância ao longo da história. A partir do século XVIII, em meio a transformações políticas, econômicas e culturais, a criança começou a ser reconhecida como sujeito singular, com necessidades próprias e distintas das do adulto. Essa nova concepção inaugurou um olhar renovado sobre a educação e sobre os materiais destinados ao público infantil, impulsionando a criação de obras literárias voltadas à formação moral, emocional e intelectual das crianças.

Nesse contexto, a literatura infantil consolidou-se como importante aliada da educação. Além de entreter, passou a desempenhar uma função formadora. Como afirmam Dias e Oliveira (2000, p. 31), “a criança tinha que ser formada, e os livros infantis da época, em especial os contos, se prestavam a isso, com as lições de moral e de bons costumes que ensinavam”. Durante o século XIX, tais produções assumiram caráter acentuadamente pedagógico, buscando preparar a criança para a vida adulta e transmitir valores socialmente aceitos.

Entretanto, um dos desafios recorrentes na produção literária infantil decorre do fato de que os autores, sendo adultos, muitas vezes possuem pouca conexão com seu público. Como observa Cademartori (1986, p. 8-9), a distância entre autor e leitor aprofunda-se ainda mais ao se considerar o lugar de dependência da criança no mundo social.

Como, geralmente, o autor de literatura infantil não é criança e escreve para criança, a ausência de correspondência entre autor e leitor gera indagações que se aprofundam quando se considera o lugar de dependência da criança no mundo social (Cademartori, 1986, p. 8-9).

Segundo Coelho (1998), as primeiras adaptações realizadas por Charles Perrault não tinham inicialmente a intenção de compor uma literatura voltada exclusivamente às crianças. Somente com a publicação da coletânea *Contos da Mãe Gansa* (*Contes de ma mère l'Oye*, 1697) o autor passou a dedicar-se deliberadamente à criação de narrativas infantis, marcando um ponto fundamental na história da literatura infantil ocidental. Histórias hoje mundialmente conhecidas, como *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas* e *O*

Pequeno Polegar, influenciaram de maneira duradoura tanto a tradição literária quanto práticas pedagógicas direcionadas à infância.

Cademartori (1986) destaca ainda que a época em que Perrault coletou seus contos foi marcada por grandes transformações e tensões sociais, no período pós-Fronde, movimento de oposição ao absolutismo de Luís XIV.

No Brasil, conforme Cunha (1987), a literatura infantil teve início com obras de caráter pedagógico e com adaptações de produções portuguesas, evidenciando a relação de dependência típica das colônias. Esse quadro começa a se transformar com a obra de Monteiro Lobato, especialmente com a série *O Sítio do Picapau Amarelo*, marco fundamental para a consolidação do gênero no país. Assim, é possível dividir sua evolução em três períodos: pré-lobatiano (1808-1919), lobatiano (1920-1969) e pós-lobatiano (1970 até hoje).

Segundo Lajolo e Zilberman (1999), foi somente no século XVIII, com a ascensão da burguesia europeia, que a educação infantil ganhou centralidade, a partir do reconhecimento da criança como sujeito com necessidades específicas.

A literatura, especialmente a infantil, desempenha função essencial em uma sociedade em constante transformação: atua como agente de formação seja pelo contato espontâneo entre leitor e livro, seja pelo “diálogo” promovido pela escola (Coelho, 1991). Para a autora, a escola funciona como ponte entre o leitor em formação e o universo literário.

A “literatura infantil” surge de imediato a ideia de belos livros coloridos destinados à distração e prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas estórias contadas por alguém [...] sempre tratada como um gênero menor. (Coelho, 1991, p.26)

Apesar disso, a literatura infantil ainda é frequentemente tratada como gênero menor. Como afirma Coelho (1991, p. 26), a expressão “literatura infantil” frequentemente remete apenas a livros coloridos destinados ao prazer e distração das crianças.

A forma como a criança interpreta os livros depende de seu estado lúdico, de suas vivências dentro e fora da escola e também da qualidade das relações que estabelece com os livros. Coelho (1991) argumenta que o reconhecimento da literatura infantil como gênero literário foi impulsionado pelos estudos da Psicologia Experimental, que destacaram a importância do desenvolvimento infantil. Essa perspectiva também abre espaço para práticas como a biblioterapia. A autora

ressalta ainda o papel da escola na promoção de atividades que estimulem a leitura de forma significativa.

A literatura contemporânea, como observa Coelho (1991, p. 25), não se limita a gerar prazer estético: visa também fomentar a consciência crítica do leitor.

Para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor. (Coelho, 1991, p.25)

A criança é um sujeito social e histórico que participa e produz cultura (BRASIL, 1994a; Faria, 1999). Assim, ela não pode ser vista como abstração, mas como ser ativo, que simultaneamente é marcado e marca o meio social.

5.1 Leitura guiada pelos estágios psicológicos da criança

A leitura pode ser orientada pelos estágios do desenvolvimento psicológico da criança, os quais podem ser classificados em seis etapas. Segundo Coelho (2022), o primeiro deles é o do pré-leitor, que se subdivide em duas fases.

Na primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos), a criança começa a reconhecer o mundo que a rodeia por meio do tato e do contato afetivo. Por isso, sente necessidade de pegar e explorar tudo que estiver ao seu alcance. Outro marco importante desse período é a aquisição da linguagem, quando passa a nomear objetos e situações do cotidiano. Diante dessa percepção crescente do ambiente, é possível estimulá-la por meio de brinquedos, álbuns ilustrados, chocalhos musicais e outros materiais que possam ser manuseados. Com a mediação de um adulto, a criança pode relacionar esses objetos, criando as primeiras situações de leitura.

Na segunda infância (a partir dos 2/3 anos), inicia-se a fase egocêntrica. A criança torna-se mais adaptada ao meio físico e demonstra maior interesse pela comunicação verbal. Como também se envolve intensamente em atividades lúdicas, o ato de “brincar” com o livro torna-se particularmente significativo. Nessa fase, conforme Abramovich (1997), os livros devem apresentar contexto familiar e forte predominância de imagens que sugiram situações. A presença de texto escrito não é necessária, pois é por meio da nomeação que a criança estabelece relação entre realidade e representação.

Livros que exploram humor, expectativa ou mistério são recomendados para o pré-leitor. A repetição de elementos, segundo Coelho (2002, p. 34), é especialmente eficaz para manter a atenção desse leitor ainda em processo de conquista.

O leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos) inicia o processo de decodificação dos símbolos gráficos. Como está no começo dessa etapa, o papel do adulto como agente estimulador é essencial. Os livros adequados devem apresentar linguagem simples, estrutura com início, meio e fim, e predominância de imagens. As personagens podem ser humanas ou não — animais, robôs, plantas ou objetos — desde que suas características sejam claras, como bom e mau, forte e fraco, feio e bonito. Histórias engraçadas ou que retratem a vitória do bem sobre o mal costumam ser especialmente atrativas. Para Coelho (ibid., p. 35), esses textos devem estimular “a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer e o sentir”.

O leitor em processo (a partir dos 8/9 anos) já domina os mecanismos básicos da leitura. Seu pensamento está mais estruturado, permitindo a realização de operações mentais. Nessa fase, a criança interessa-se por conhecimentos sobre a natureza, por desafios e por situações inusitadas. Humor, realismo e fantasia são temas que despertam seu interesse. Os livros devem apresentar imagens acompanhadas de textos em frases claras, diretas e objetivas, contendo início, meio e fim, além de um conflito que culmine na resolução do problema, tornando a narrativa mais envolvente.

O leitor fluente (a partir dos 10/11 anos) alcança maior consolidação dos mecanismos de leitura. Sua capacidade de concentração cresce, e ele passa a compreender com mais profundidade o mundo expresso nos livros. De acordo com Coelho (2002), é nesse momento que se desenvolve o pensamento hipotético-dedutivo e a capacidade de abstração. Trata-se da fase da pré-adolescência, marcada por mudanças significativas e por um sentimento de poder interior, no qual o indivíduo se percebe como capaz de resolver seus próprios problemas. Há, nessa etapa, uma espécie de retomada do egocentrismo infantil, resultando, às vezes, em certo desequilíbrio no convívio social. O leitor fluente é atraído por narrativas que abordem valores éticos e políticos, por personagens que lutam por um ideal e por histórias protagonizadas por jovens em busca de espaço no mundo. Livros com linguagem mais elaborada são adequados; embora as imagens não sejam indispensáveis, continuam exercendo função atrativa. Temas como mitos,

lendas, romances policiais e aventuras são recorrentes, e os gêneros mais apreciados incluem contos, crônicas e novelas.

O leitor crítico (a partir dos 12/13 anos) domina plenamente a leitura e a escrita. Desenvolve progressivamente o pensamento reflexivo e a consciência crítica, sendo capaz de estabelecer relações intertextuais. Valores como saber, fazer e poder permeiam essa fase. Para Coelho (2002, p. 40), o contato do leitor crítico com a literatura “deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo a penetrar no mecanismo da leitura”.

Dessa forma, cada faixa etária apresenta diferentes níveis de compreensão e demandas específicas. A seleção adequada de materiais, assim como o ambiente em que a criança está inserida e suas vivências, influenciam diretamente a formação do hábito de leitura.

No contexto desta pesquisa, cujo foco são crianças da 1ª série do Ensino Fundamental, trata-se do estágio correspondente ao leitor iniciante. Nesta etapa de alfabetização e desenvolvimento de autonomia leitora, destacam-se como características essenciais dos livros:

- predominância de imagens sobre o texto;
- narrativa centrada em um conflito, fato ou acontecimento;
- presença de humor ou elementos lúdicos;
- personagens humanos ou não humanos;
- textos compostos por sílabas simples, facilitando a compreensão;
- argumentos capazes de estimular emoções, imaginação e pensamento, articulados ao cotidiano infantil.

Segundo Cabral (1986), o processo de aquisição da leitura compreende quatro fases sequenciais: decodificação, compreensão, interpretação e retenção.

A decodificação consiste em decifrar o código linguístico, associando símbolos escritos aos seus significados. Saussure (2006) denomina essa relação de signo linguístico, composto pelo significante (imagem acústica) e pelo significado (conceito). Trata-se de etapa fundamental para o avanço leitor.

A compreensão envolve captar o sentido explícito do texto, compreendendo a intenção do autor, sua estrutura, gênero e contexto, por meio da interação entre autor, leitor e texto.

Na interpretação, o leitor identifica informações implícitas, realiza inferências e compreende as “entrelinhas” da narrativa.

Por fim, a retenção consiste em armazenar e transformar as informações obtidas, permitindo que se construam novos significados.

Frith (1990) e Morton (1989) propuseram três estágios do processo de aquisição da leitura e escrita, posteriormente aprofundados por Capovilla (2004):

- Estágio logográfico: a criança reconhece palavras pela memória visual, sem associação entre letras e sons, lendo o texto como se fosse um desenho.
- Estágio alfabético: estabelece relações entre grafemas e fonemas, conectando leitura e fala e decodificando palavras, frases e orações.
- Estágio ortográfico: atinge maior fluência, reconhece regras e erros ortográficos, domina pronúncias e estabelece relações semânticas com maior precisão.

Com base nesses estágios e na faixa etária das crianças participantes das rodas biblioterapêuticas, foi possível realizar as análises que embasam a elaboração do Manual de Leitura apresentado a seguir.

6 MANUAL DE LEITURA PARA RODAS BIBLIOTERAPÊUTICAS

Este manual é resultado da fundamentação teórica apresentada ao longo desta pesquisa, aliada às observações realizadas durante as rodas biblioterapêuticas aplicadas em três turmas de primeira série do Ensino Fundamental de um colégio particular da cidade de São Paulo.

Trata-se de um material que pode ser utilizado com qualquer obra de literatura infantil, desde que sejam consideradas adaptações relacionadas à temática da história e à linguagem adequada à faixa etária das crianças. Para a construção do que se propõe como uma roda de leitura ideal, dois elementos principais foram considerados:

1. A criação de um ambiente acolhedor;
2. A utilização de objetos que remetam à história, favorecendo a construção de vínculos emocionais entre os ouvintes e a narrativa.

A roda de leitura pode ser realizada na biblioteca escolar ou em qualquer outro espaço que ofereça conforto e favoreça a imersão durante a atividade.

Para exemplificação do manual, o livro escolhido foi *O monstro das cores: doutor das emoções e a maleta de regulação emocional*, obra que, de maneira lúdica, aborda a compreensão e a regulação dos sentimentos. Inspirada na

narrativa, foi confeccionada uma caixa que simula a maleta reguladora de emoções utilizada pelo personagem, contendo objetos mencionados no livro. Optou-se por materiais simples, de fácil acesso e que pudessem ser encontrados em casa, evitando a necessidade de aquisição de novos itens.

Quadro 2– passo a passo do processo de ambientação

Ambiente	
Passo 1	baixar persianas ou fechar parcialmente cortinas para criar um ambiente com menor incidência de luz
Passo 2	Apagar as luzes, para criar um ambiente mais acolhedor
Passo 3	Organizar uma roda para a realização da leitura
Passo 4	Deixar os ouvintes o mais confortáveis possíveis
Passo 5	Dialogar com os ouvintes durante e após leitura

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Quadro 3– passo a passo da criação da maleta

Objetos	
Passo 1	Folhas secas
Passo 2	Uma manta macia
Passo 3	Um urso de pelúcia
Passo 4	Argila ou massinha
Passo 5	Se possível algum tipo de lembrancinha, que tenha conexão com o tema do livro e principalmente que combine com a faixa etária dos participantes da roda.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Antes de conduzir a leitura, é muito importante que o mediador esteja familiarizado com a história. Isso inclui treinar a entonação, definir pausas estratégicas e pensar em momentos oportunos para fazer perguntas aos ouvintes. Em *O monstro das cores: doutor das emoções*, por exemplo, há várias passagens que permitem questionar as crianças sobre situações do cotidiano — como o dilema da protagonista ao “dizer sim quando gostaria de dizer não”. Esses momentos favorecem a identificação e ajudam a criar uma conexão significativa entre o mediador e o grupo.

O segundo passo envolve a organização dos materiais que serão usados durante a roda. Para isso, utilizou-se uma caixa para guardar todos os itens, mantendo-os em segredo até o momento da leitura, o que aumenta a curiosidade e o encantamento dos ouvintes.

O terceiro passo diz respeito à ambientação. Preparar um espaço confortável, acolhedor e propício à escuta é essencial para que a leitura aconteça de forma agradável e envolvente.

O quarto passo é o momento da leitura em si. Durante essa etapa, o mediador deve observar atentamente:

- se os ouvintes estão demonstrando interesse pela narrativa;
- se há identificação ou conexão com a história;
- como reagem ao manuseio dos objetos;
- em que pontos a atenção se dispersa ou se intensifica;
- como ocorre a interação durante e após a leitura.

Ao longo das três rodas realizadas, foi possível perceber diferenças marcantes entre os grupos.

Primeira turma — sexta-feira à tarde:

As crianças estavam bastante curiosas sobre o conteúdo da caixa, já que o material não era comum nas leituras habituais da biblioteca. Durante a interação com os objetos, especialmente as folhas secas, a atenção se dispersou um pouco, pois muitas comentaram sobre o “mau cheiro”. Ainda assim, mostraram entusiasmo ao final, agradeceram pela leitura e ficaram encantadas com as massinhas — cujo cheiro doce, semelhante a tutti-frutti, despertou animação geral.

Segunda turma — terça-feira à tarde:

Este grupo apresentou mais dificuldade para manter a atenção, pois vinha diretamente do parque e ainda estava muito agitado. Após alguns minutos, conseguiram concentrar-se melhor. Diferente da primeira roda, optou-se por fazer algumas interações antes do manuseio dos objetos, deixando-os como ponto alto da experiência. Isso ajudou a recuperar a atenção quando necessário. Novamente, houve comentários sobre o cheiro das folhas secas. Ao final, a entrega das lembrancinhas gerou animação, embora tenha sido necessário mediar pequenos conflitos por conta das cores das massinhas, o que foi resolvido rapidamente.

Terceira turma — quinta-feira pela manhã:

Antes mesmo de iniciar, decidiu-se não usar as folhas secas nesta roda, justamente para observar como o grupo reagiria sem esse elemento. As crianças mostraram grande interesse tanto pela história quanto pela caixa misteriosa. Entre as três turmas, esta foi a que demonstrou maior foco na narrativa e maior disposição para compartilhar experiências pessoais. O momento de circulação dos objetos aconteceu de forma tranquila, e a ausência das folhas ajudou a manter a atenção para a parte final da história. A entrega das lembrancinhas também foi recebida com entusiasmo.

Todas as turmas demonstraram encantamento com a ambientação da sala, luz mais suave, janelas fechadas e um clima diferente do habitual tornaram o momento especial e marcante.

As imagens a seguir ilustram os materiais utilizados, para a reprodução de uma versão da “maleta” do monstro. Fazendo uso de algumas das várias sugestões citadas no livro.

Foto 01: Livro O monstro das cores: doutor das emoções e a maleta de regulação



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Livro escolhido para realização das rodas de leitura com as três turmas, acompanhado das massinhas que foram entregues como brinde ao final das leituras.

Foto 02: Caixa utilizada para acondicionamento dos objetos

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Para o acondicionamento dos materiais da roda deve ser utilizada uma caixa de tamanho adequado, de preferência não transparente para que os participantes não antecipem o que será utilizado.

Foto 03: Objetos utilizados agrupados fora da caixa

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Objetos agrupados fora da caixa, dentre eles o urso de pelúcia, folhas secas, conchinhas do mar e capa de almofada de veludo.

Foto 04: Caixa com os objetos acondicionados



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Todos os objetos acondicionados dentro caixa.

Foto 05: Urso de pelúcia marrom



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Urso de pelúcia marrom, simples e pequeno, que também entrou como material na caixa/maleta de doutor monstro.

Foto 06: Folhas secas



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Folhas secas de árvores variadas, preservadas em um saquinho transparente.

Foto 07: Capa de almofada aveludada



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Capa aveludada de uma almofada quadrada, na cor lilás.

Foto 08: Saco transparente com conchinhas do mar

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Saquinho vazado, onde foram acondicionadas conchinhas do mar. Para que pudessem ser vistas e sentidas pelos ouvintes.

Foto 09: Página da maleta do monstro fechada

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Essa página do livro representa a maleta do doutor monstro fechada.

Foto 10: Página da maleta do monstro aberta



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Essa página do livro representa a maleta do doutor monstro aberta, com inúmeras possibilidades de atividades que podem ser realizadas para tentar organizar as emoções.

Foto 11: Massinha entregue como brindes



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Massinha em saquinhos transparentes com logo do livro monstro das cores doutor das emoções. Entregue como lembrancinha após cada uma das sessões.

A seguir a demonstração em forma de panfleto de três abas do Manual de Leitura para Rodas Biblioterapêuticas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve início com o propósito de investigar de que maneira a biblioterapia poderia contribuir para o desenvolvimento do gosto e do hábito de leitura entre crianças em processo de alfabetização.

Embora alguns recursos institucionais, como a ausência de um comitê de ética, tenham limitado a execução de determinadas etapas inicialmente planejadas, essa circunstância abriu espaço para uma nova abordagem: refletir e discorrer sobre a biblioterapia a partir de uma perspectiva teórica e prática, voltada para a aplicabilidade em contextos educativos.

A fundamentação teórica construída ao longo do trabalho, especialmente em torno da biblioterapia, da literatura infantil e dos estágios psicológicos do leitor, permitiu compreender que a leitura, quando mediada de forma sensível e intencional, transcende o ato de decodificação de palavras.

Ela se torna uma experiência que favorece a expressão emocional, estimula a imaginação, promove identificação e apoia o desenvolvimento socioafetivo das crianças.

Nesse sentido, a leitura deixa de ser apenas uma ferramenta pedagógica e passa a configurar-se como um recurso terapêutico e humanizador.

O manual proposto surge como resultado prático dessa reflexão, com o objetivo de desmistificar a organização das rodas de leitura e demonstrar que práticas biblioterapêuticas não dependem de investimentos financeiros elevados ou de materiais sofisticados.

A experiência relatada evidencia que elementos simples, como iluminação adequada, organização do espaço e uso de objetos sensoriais, são suficientes para criar um ambiente acolhedor e significativo.

Mais do que os recursos materiais, o essencial está na escuta atenta, na mediação cuidadosa e na escolha de obras que dialoguem com o universo emocional dos participantes.

Concluimos, portanto, que a biblioterapia, aplicada por meio de rodas de leitura, configura-se como uma prática potente para o fortalecimento do vínculo das crianças com os livros e, sobretudo, com suas próprias emoções.

O manual elaborado pretende servir como instrumento de apoio para bibliotecários, educadores e mediadores, ampliando o acesso a práticas de leitura sensíveis, acessíveis e centradas no bem-estar infantil.

Por fim, esta pesquisa reafirma a importância de se pensar a leitura não apenas como um requisito escolar, mas como uma experiência transformadora capaz de contribuir para a formação integral do sujeito.

A biblioterapia, nesse contexto, revela-se como uma estratégia que valoriza a dimensão humana da educação, promovendo o encontro entre literatura, emoção e desenvolvimento pessoal.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Cristina; ZULUETA, Maria Ángeles; HENRIQUES, Anabela. Biblioterapia: estado da questão. **Cadernos BAD**, Lisboa, v. 1, n. 2, p. 95-111, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/1033/1049> . Acesso em: 31 mai. 2025.
- BRASIL, MEC, COEDI. **Política Nacional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF/DPEF/COEDI, 1994a.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.
- CALDIN, Clarice Fortkap. **A leitura como função terapêutica**: biblioterapia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n.12, p.32-44, 2001a. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/206929>>. Acesso em: 02 jun. 2025.
- CALDIN, Clarice Fortkap. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001b.
- CALDIN, Clarice Fortkap. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.
- CASTRO, Raquel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. **Biblioterapia para idosos**: o que fica e o que significa. *Biblioline*, João Pessoa, v.1, n.2, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/586/424>> Acesso em: 07 maio. 2025.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998. Série Princípios.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). **Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 31 maio 2025.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- DIAS, Ana Maria Iorio, OLIVEIRA, Maria José Sampaio de. **Reflexões sobre leitura**: caminhos e possibilidades em educação infantil. Fortaleza: Secretaria do Trabalho e Ação Social, 2000.

FARIA, Ana Lucia Goulart. **Educação pré-escolar e cultura**. São Paulo: Cortez, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e Histórias**. 6ª edição, editora ática, 1999.

LLENAS, Anna. **O Monstro das Cores: Doutor das Emoções e a Maleta de Regulação Emocional**. Lisboa: Nuvem de Letras, 2023.

OLIVEIRA, Fernanda Gomes de. **Biblioterapia: analisando sua eficácia sob aspectos filosóficos, sociais, psicognitivos e biblioteconômicos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

OUAKNIN, Marc- Alain. **Biblioterapia**. Trad. Nicolas Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **Guia de Leitura: O Monstro das Cores - Doutor das Emoções e a maleta de regulação emocional**. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/pontificia-universidade-catolica-de-goias/saude-materno-infantil-juvenil/o-monstro-das-cores-doutor-das-emocoes-guia-de-leitura-site/103899123> . Acesso em 15 nov. 2025.

SEIXAS, Cristiana. **Vivências em biblioterapia: práticas do cuidado através da literatura**. Niterói: Edição do autor, 2014.

RATTON, Ângela Maria Lima. **Biblioterapia**. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.4, n.2. p.198-214, set.1975.

Apêndice

A seguir, apêndices A e B que demonstram o manual pronto após todas as etapas de construção.

Apêndice A



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Aqui estão as as partes da capa, da contra capa e de uma das páginas internas. Página essa que explica o passo a passo da construção da maleta do Dr. Monstro.

Apêndice B

O QUE É BIBLIOTERAPIA

A Biblioterapia pode ser definida como uma prática que utiliza a leitura de textos literários ou informativos como recurso terapêutico, educativo ou de desenvolvimento pessoal.

Essa prática teve seu início nos hospitais, mas pode ser utilizada também em ambientes corporativos e em ambientes escolares.

RODA DE LEITURA BIBLIOTERAPÊUTICAS

Podem ocorrer em locais como bibliotecas, salas de aula ou até mesmo ambientes externos.

O bibliotecário com auxílio dos professores pode servir de agente mediador dessas rodas de leitura.

As rodas Biblioterapêuticas podem contribuir para o desenvolvimento intelectual, social e afetivo das pessoas, pode atuar como um recurso de cuidado e apoio emocional.

AMBIENTE

Passo 1
Abaixar persianas ou fechar parcialmente cortinas para criar um ambiente com menor incidência de luz

Passo 2
Apagar as luzes, para criar um ambiente mais acolhedor

Passo 3
Organizar uma roda para a realização da leitura

Passo 4
Deixar os ouvintes o mais confortáveis possíveis

Passo 5
Dialogar com os ouvintes durante e após leitura

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

As três partes internas descrevem o que é Biblioterapia, como funcionam as rodas de leituras biblioterapêuticas e por fim o passo a passo da ambientação para que a leitura ocorra de forma mais acolhedora.

Esse manual foi criado de acordo com o ambiente ao qual ele foi aplicado, mas é possível modificá-lo para outros ambientes facilmente e literaturas.